

O BILINGÜÍSMO ALEMÃO/PORTUGUÊS EM SÃO BENTO DO SUL/SC: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATITUDE DOS FALANTES DE RELIGIÃO CATÓLICA

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer – UNIVILLE/UFPR – atamanine@yahoo.com.br

ABSTRACT: The city of São Bento do Sul was colonized at the end of the 21st century, more exactly in the year of 1873, when a group of German immigrants, originated from the Baviera region, arrived to the local. They brought with them a rich and diversified cultural patrimony, whose specificities have not explored the need of more studies and description. Thought this work a need of a *corpus* creation, that could propitiate systematic studies and pluridisciplinarity about the bilingual Portuguese/German situation still occurring after more than 100 years of the city foundation, was seen. The approach carried out in the research, based on the ethnolinguistic and on the linguistics of the linguistic contact, tried to collect data that could generate a scenery about the use and the perspective of the German language conservation, represented by the Bohemian dialect and colloquial German language. The presented data are a result of applied attitude (language attitude) tests. The work considered sectors like the religious, the educational and the cultural, verifying aspects of their influence in the use of the linguistic code. Factors such as age, schooling and sex of the informants, all residents of the urban area, were also considered. Among the main results, it can be stood out that although the presence of the German language is still a reality in São Bento do Sul, the situation of this language use found in the analyzed sample composes an expressive linguistic loss scenery in the oral form and mainly in the written form. In spite of the awareness of the bilingual condition loss in the community and this situation being considered negative by more than 120 interviewees, few people have enough motivation to improve or continue using the German language (the standart or the dialects) in their daily life.

KEYWORDS: contact languages; Portuguese/German bilingualism; attitude tests.

0. Introdução

Foi a partir da iniciativa, em 2002, do então Vice-Reitor para Assuntos Internacionais da *Friederich Alexander Universität* – FAU, em *Erlang-Nürnberg – Bayern* – Alemanha, Prof. Dr. em Linguística, Bernd Naumann, que a pesquisa linguística sobre a comunidade de fala bilíngüe em São Bento do Sul teve seu início. Em razão da existência de uma parceria entre a FAU e a Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, firmada através do Programa Babitonga 2000, o Prof. Naumann sugeriu a criação de um sub-projeto no programa que objetivasse especificamente estudar os dialetos de língua alemã ainda preservados na cidade de São Bento do Sul (SC), onde a UNIVILE tem um *campus*.

O interesse por São Bento proveio, por parte da universidade alemã, em razão de sua colonização, ocorrida no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1873, ter sido feita por imigrantes alemães, oriundos, principalmente, da região da Baviera, onde a FAU está instalada e cujo dialeto, o bávaro, teria na cidade catarinense um reduto de conservação. Por parte da universidade brasileira as razões para realização da pesquisa foram muitas, mas principalmente o fato de São Bento não ter tido esse importante tipo de trabalho de conservação (do dialeto bávaro) foi decisivo para compreender que o apoio científico da universidade seria extremamente importante para questões culturais e sociais da comunidade.

Então, o subprojeto foi iniciado em 2002 com a vinda do grupo de pesquisadores alemães, sob a coordenação do Prof. Naumann, para a realização de entrevistas com informantes bilíngües português/alemão (doravante P/A), residentes em São Bento do Sul. A coleta de dados resultou na

gravação de 143 entrevistas em língua alemã. O principal objetivo do trabalho, segundo Naumann (2004), foi de conservação. Realmente esse aspecto mostrou-se relevante em São Bento do Sul, pois a estimativa - feita a partir da constatação de que o maior número de informantes bilíngües encontrados se situa na faixa dos mais de 50 anos -, prevê o quase desaparecimento do alemão falado pelos descendentes dos imigrantes bávaros nos próximos 20 anos. Dessa forma, não haverá possibilidade de realização de pesquisas sobre dados materiais a não ser através dessas entrevistas gravadas sobre o modo de falar desses descendentes. (NAUMANN, 2004).

Decorrentes das ações de pesquisa empreendidas, outros focos de investigação se mostraram necessários a fim de compor um cenário fidedigno da comunidade de fala, que mostrasse as causas e conseqüências da situação lingüística atual na cidade. Dessa forma, entendemos haver a necessidade de, além de investigar o material já coletado, constituir um novo *corpus* que propiciasse estudos sistemáticos e pluridisciplinares sobre a situação bilíngüe P/A ainda ocorrente em São Bento do Sul. Sendo assim, caberia aos lingüistas brasileiros realizar a pesquisa, completando um quadro descritivo das demais características da comunidade de fala¹, somando elementos para a sua caracterização em relação aos descendentes dos imigrantes bávaros .

Dessa forma, originou-se o projeto de pesquisa “Aspectos socioletais e socioculturais germânicos dos imigrantes do final do século XIX ainda presentes em dados orais de falantes bilíngües (alemão/português) residentes na cidade de São Bento do Sul/SC no início do século XXI”, cujo principal objetivo foi registrar e analisar, através da coleta de dados de fala e aplicação de formulários, as características germânicas ainda presentes na atual comunidade são-bentense, em especial no que se refere às questões lingüísticas. A equipe de pesquisadores é composta por MSc. Andréa M. Bauer Tamanine, Dra. Maria da Graça A. de Oliveira e MSc. Simone L. Kruger, professoras do Curso de Letras da UNIVILLE, *campus* São Bento do Sul. A pesquisa - aprovada institucionalmente - foi iniciada em 2004 com um cronograma de 03 anos de duração; portanto, neste momento, está em fase de conclusão.

Neste artigo apresentaremos considerações relativas aos testes de atitude aplicados à população de religião católica a fim de, principalmente, avaliar as condições de uso e o grau de importância da língua alemã nos contextos cotidianos, sejam familiares ou não, assim como verificar a sua valorização como meio de preservação da cultura germânica no município. Na primeira parte apresentaremos um breve relato teórico sobre questões pertinentes à lingüística do contato lingüístico, depois descreveremos os procedimentos metodológicos adotados e apresentaremos os resultados obtidos para, por fim, discutirmos os dados apresentados e tecermos nossas considerações finais.

1. Revisão da literatura

O termo “línguas em contato” como referência à situação de coexistência de duas ou mais línguas em caráter temporal e espacial foi difundido no meio científico principalmente a partir da obra de Uriel Weinrich (1953). De maneira geral, a situação lingüística vivida pelos imigrantes bávaros na chegada à atual cidade de São Bento do Sul, no final do século XIX, pode ser caracterizada como bilingüismo. Por definição padrão, o bilingüismo é o uso de pelo menos duas línguas, ou por um indivíduo ou por um grupo de falantes. Essa situação ainda persiste nos dias de

¹ Comunidade de fala é aqui entendida, segundo a definição de Brown e Levison (1979), como qualquer grupo que divide os mesmo recursos lingüísticos e regras conversacionais para a interpretação de mensagens, quer orais, quer escritas. Também nos guiamos pela definição de Heredia (1989) para quem uma comunidade lingüística - que trataremos como sinônimo de comunidade de fala - define-se como tal se seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por normas, enfim, uma integração simbólica no interior do grupo ou do subgrupo de referência (nação, região, minoria).

hoje na cidade, mas, seguramente, em escala extremamente reduzida por razões históricas e etnolingüísticas que necessitam ser melhor precisadas.

O bilingüismo, de acordo com Dubois (1973: 87), ocorre em países em que vivem juntas comunidades de línguas diferentes, onde os locutores partilham um conjunto de condições lingüísticas, psicológicas e sociais e são levados a utilizar, numa parte de suas comunicações, uma língua ou um falar que não é aceito como a língua oficial ou a mais comum. É particularmente, prossegue Dubois, o caso das famílias ou dos grupos de imigrantes insuficientemente integrados na sua pátria de adoção e que continuam a utilizar, nas relações interiores do grupo que eles constituem, a língua de seu país de origem.

A partir dos levantamentos já realizados pelos pesquisadores parceiros da UNIVILLE e da FAU sobre a perda intergeracional da língua alemã na localidade, entendemos que, para se definir o falante bilingüe, serão necessários diferentes conceitos em relação ao domínio do dialeto alemão usado por cada informante:

- *falante bilíngüe pleno* (BLOOMFIELD, 1933, *apud* OGLIARI, 1999): aquele que fala e compreende perfeitamente enunciados na língua;
- *falante receptivo* (ROMAINE, 1995, *apud* OGLIARI, 1999): aquele que não tem controle produtivo sobre a língua para produzir enunciados completamente significativos, mas a compreende perfeitamente;
- *falante bilíngüe incipiente* (DIEBOLD, 1964, *apud* OGLIARI, 1999): aquele que compreende apenas um vocabulário composto em média de 20 a 30 palavras ou de frases cristalizadas e não tem controle produtivo sobre a língua para formalizar enunciados completamente significativos.

Assim, considerando-se situações bilíngües como um *continuum* que vai desde a competência plena nas duas línguas até estágios iniciais de contato entre duas línguas, a definição de uma pessoa como bilíngüe ou não bilíngüe dependerá em que situação ela se encontra nessa escala.

Mackey (1968) sugere diferentes variáveis intervenientes passíveis de influenciar a atitude do bilíngüe em relação aos usos e às línguas, tais como idade, sexo, inteligência, motivação e atitude. Fausel (*apud* FREITAS, 1995) em pesquisa realizada sobre bilingüismo P/A, constatou a criação de novos vocábulos assimilados do português pelos imigrantes, já que estes, ao chegarem às terras brasileiras, confrontaram-se com uma gama de novos elementos e de novas palavras e expressões. Fausel ressalta que as assimilações ocorreram em maior incidência com relação a vocábulos relacionados à vida exterior, coisas materiais, do que à vida espiritual.

Outros fenômenos relevantes no estudo do fenômeno bilingüismo são o *code-switching*, segundo termo utilizado por Grosjean (1982), que significa alternância de código, ou seja, uma mudança completa para outra língua, podendo ser de qualquer extensão (palavra, frase, oração) e o *borrowing*, definido segundo von Borstel (1999) como a referência a um empréstimo lexical de outra língua, que sofre adaptações somente morfológicas, ou então fonético-morfológicas inscritas na estrutura da língua-base.

A investigação dos elos, ou seja, dos valores essenciais mantidos – em contraponto aos perdidos – pela comunidade bilíngüe são-bentense permite verificar de que forma aspectos como etnicidade, língua e religião interferem na manutenção da língua étnica (FISHMAN, 1967), fatores envolvidos de forma marginal na investigação apresentada neste artigo.

O estudo teórico sobre os aspectos referentes à Lingüística do Contato Lingüístico em (LCL) e temas correlatos necessários ao trabalho de investigação realizado pelos pesquisadores da UNIVILLE, em São Bento do Sul, no projeto do qual aqui se apresenta apenas uma parte, está longe de estar esgotado.

1.2 A campanha de nacionalização

Na cidade estudada, na fase monolíngüe alemão e bilíngüe P/A, entendemos terem sido importantes para a manutenção do uso da língua estrangeira a característica da valorização acentuada do trabalho dos imigrantes, o que impulsionou a formação de uma das cidades mais industrializadas do estado de Santa Catarina; o fluxo da vinda de imigrantes, que foi além dos grupos colonizadores; a localização difícil, no alto da serra do mar, em local onde, para se chegar, foi preciso que os estrangeiros abrissem picadas em mata densa pois não havia estradas, abrindo a clareira para instalação dos primeiros barracões que originaram a colônia; a manutenção do alemão – juntamente com o português - como língua de comércio e de educação até meados de 1920 e o estímulo às manifestações culturais (bandas, corais e grupos de dança) que se mantêm até hoje. Essas condições nos levam a corroborar os quatro fatores que Cunha (1995) sintetizou como relevantes para a manutenção da língua e manifestações culturais alemãs: a) o alto nível de produtividade dos alemães e seus descendentes; b) a vinda contínua (mas irregular) de mais alemães que se agregaram aos já existentes; c) o isolamento geográfico da colônias e pequenas cidades, sendo que nelas os alemães e seus descendentes formavam a maioria dos habitantes; d) o exercício pelos imigrantes e seus descendentes das manifestações culturais alemãs (especialmente a língua) nas escolas e igrejas.

No entanto, ao descrevermos São Bento do Sul hoje como uma comunidade de fala monolíngüe português, é impossível não considerarmos como motivo fundamental, paralelo ao processo natural de abandono da língua minoritária, como acelerador da radical mudança de situação lingüística, a Campanha de Nacionalização, ocorrida no final da década de 30 e primeira metade dos anos 40 do século XX. Provocado pelas pressões nacionalistas que visavam a padronização cultural e a supressão de qualquer tipo de organização autônoma da sociedade, o projeto governamental de nacionalização teve como base de atuação o impedimento do fortalecimento dos grupos estrangeiros em nosso país, principalmente de alemães, considerados os mais organizados e diretamente associados com o nazismo. O movimento retirou dos descendentes de alemães o seu direito de comunicação em sua língua herdada e proibiu toda e qualquer manifestação de seus hábitos culturais. Entre as diversas iniciativas realizadas pelo movimento de nacionalização, destaca-se o decreto 406, assinado por Getúlio Vargas em maio de 1938, que proibia a utilização de material didático em língua alemã nas escolas teuto-brasileiras, exigia que somente brasileiros natos poderiam alçar o cargo de professor ou diretor de escola, e proibia o ensino de qualquer língua estrangeira aos brasileiros com menos de 14 anos de idade.

A partir de 31 de agosto de 1941, foi determinada pelo governo federal a proibição de toda e qualquer publicação em língua estrangeira, proibição essa que abrangeu o uso da língua alemã falada na região e que foi estendida às escolas comunitárias, muitas fechadas ou transformadas em escolas públicas. Também foram fechadas várias sociedades culturais, beneficentes, recreativas e esportivas e de classe. A proibição se estendia a qualquer tipo de comunicação em língua alemã em espaços públicos ou privados; foram tirados de circulação livros e jornais, vedando-se sua publicação e leitura; não se podia ouvir programas de rádio em alemão e trocar de correspondência nessa língua, sendo os infratores multados ou presos.

As medidas do governo contra as escolas comunitárias visaram acabar com o local onde concluíam ser o foco de doutrinação nazista, assim como cortar a mais forte ligação entre a cultura dos alemães e as suas representações: a língua. Tornquist (1999: 03) fundamenta tal idéia quando afirma que:

Existe uma atuação recíproca entre língua e pensamento. A língua reflete o pensamento e o pensamento é expresso através da língua. Os valores foram

expressos nesta língua (alemã) e, se a língua desaparecer, será mais difícil preservar os valores. A língua traz não apenas as palavras, mas também uma maneira de pensar, uma visão de mundo.

Certamente a forma violenta e autoritária como se aplicaram as medidas nacionalistas do governo Vargas deixou marcas profundas nas comunidades de língua alemã instaladas no sul do Brasil, não sendo diferente em São Bento do Sul. Os traumas gerados pela política excludente e conservadora levaram ao esquecimento e até à rejeição das manifestações culturais alemãs. As intervenções policiais, as denúncias, o clima de constante ameaça e a violência atingiram não somente os adultos, mas principalmente as crianças, que não compreendiam o porquê de serem hostilizadas em razão de sua origem. Os resultados da campanha revelaram-se na forma de vergonha e negação em relação à língua alemã (KIPPER, 1979). Além disso, expressar-se em língua portuguesa tornou-se “marca” do brasileiro patriota. Assim, falar bem o português passou a ser fundamental para os imigrantes e seus descendentes. Também contribuiu para o declínio do uso da língua alemã a perda da sua utilidade enquanto língua de comércio, assim como de outras esferas públicas. Por isso, mesmo diante do término das medidas nacionalistas de Vargas, nenhum movimento coletivo se efetivou para reestabelecer a legitimidade do uso do alemão na comunidade são-bentense.

Não entraremos aqui em questões como a inclusão do alemão como língua estrangeira nos currículos escolares, estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, em 1961, e sua execução nas escolas de São Bento do Sul, tema suficiente para outro artigo, mas apresentaremos alguns dados sobre a atitude dos falantes entrevistados sobre a inclusão do ensino de alemão, hoje, nas escolas da cidade.

2. Metodologia

A natureza do projeto que criamos determinou a adoção de uma metodologia de trabalho que envolvesse os pressupostos investigativos da Etnografia da Comunicação e da Linguística do Contato Linguístico, teorias também envolvidas no trabalho de Oglari (1999). A Etnografia, de acordo com Erickson (1989), tem seus fundamentos no século XIX, quando se realizavam estudos em cidades industriais emergentes, além de investigações em colônias européias em regiões da África e da Ásia. Posteriormente, os estudos etnográficos tornaram-se mais minuciosos e envolveram também a área da Antropologia. Para André (1995), a pesquisa etnográfica envolve diferentes fatores, entre eles uma longa permanência do pesquisador em campo, o contato com outras culturas e o envolvimento de amplas categorias sociais na análise dos dados coletados. Outros aspectos metodológicos também podem ser considerados na linha etnográfica, como a observação participante, a entrevista intensiva e a análise de documentos. Apesar de sua abrangência, a abordagem etnográfica melhor se define a partir do trabalho investigativo em curso, isto é, o problema de pesquisa vai sendo definido a medida em que o trabalho é efetuado na comunidade. Assim, as hipóteses do trabalho serão – ou podem ser – determinadas durante o processo de pesquisa (HEATH, 1982).

Em se tratando de Etnografia da Comunicação, a referência teórica do método foi encontrada em Hymes (1972, 1974 e 1974a). O direcionamento metodológico dado por Hymes para a investigação de eventos comunicativos abrange uma escala que parte das unidades sociais e chega às unidades menores: situação de fala, evento de fala e ato de fala.

Outro aspecto metodológico considerado é proveniente da Linguística do Contato Linguístico. Tal abordagem iniciou seu desenvolvimento a partir dos estudos de Weinrich (1953), com a publicação de *Languages in Contact*. No entanto, os trabalhos realizados a partir da ótica

weinreichiana não abordaram determinadas situações lingüísticas tais como as que envolviam substituição de uma língua por outra, a questão sociocultural e política decorrente do contato e as conseqüências desses aspectos, pois de modo geral, versaram sobre contatos interétnicos, analisando inferências e transferências, domínios (áreas de uso das línguas), configurações sociais e situacionais dos elementos da língua, estereótipos e atitudes. Em um contexto mais moderno, entre outros fatores, as pesquisas sobre a Lingüística de Línguas em Contato têm versado sobre política lingüística, substituição de uma língua por outra, *code-switching*, processos de empréstimo e de interferência. Assim, sua abrangência tornou-se interdisciplinar, sustentando-se no tripé línguas/usuários/esfera social, envolvendo diferentes níveis lingüísticos como o fonológico, o sintático, o lexical, o estilístico, o discursivo e o pragmático (OGLIARI, 1999).

Então, nosso trabalho deverá considerar, a partir da metodologia da investigação etnográfica aliada à teoria e metodologia da pesquisa na Lingüística das Línguas em Contato, fatores extralingüísticos como a comunidade de fala; a estruturação dos grupos étnicos quanto à idade, escolaridade e sexo; os setores religioso, educacional e cultural, entre outros, que incidam de alguma forma no código lingüístico.

Assim sendo, a abordagem realizada na pesquisa de campo agora apresentada preocupou-se em levantar dados que pudessem gerar um cenário preliminar sobre o uso e a perspectiva de conservação da língua alemã, representada pelo alemão coloquial local e do dialeto bávaro, mediante a aplicação de testes de atitude.

A fim de melhor organizar as informações a serem obtidas, consideramos três diferentes categorias de informantes, todos católicos e a maioria moradores da zona urbana:

- a) *Categoria 1* - constituída por moradores de São Bento do Sul considerados bilingües, com 60 anos de idade ou mais, nascidos na cidade. Tais informantes foram entrevistados nas reuniões dos “Grupos da 3ª Idade”, organizadas pelo poder municipal, em espaços comunitários de diferentes bairros da cidade;
- b) *Categoria 2* - constituída por moradores de São Bento do Sul abordados nos principais terminais rodoviários urbanos da cidade, de diferentes faixas etárias entre 20 e 55 anos, não necessariamente bilingües, mas nascidos no município ou com pelo menos 20 anos de residência na comunidade;
- c) *Categoria 3* – constituída por alunos do Instituto Cultural Brasil-Alemanha – ICBA, em São Bento do Sul, com idades entre 10 a 45 anos, entrevistados no local, em seu horário de aulas.

As mais de 100 entrevistas realizadas entre 2004 e 2005 versaram sobre temas como domínio da língua alemã, âmbito do uso da língua alemã e portuguesa (tomamos por base o instrumento desenvolvido e aplicado por Ogliari, 1999, na comunidade ucraniana de Prudentópolis/PR) razões da perda intergeracional da língua alemã, conservação da língua alemã na cidade, ensino de línguas estrangeiras nas escolas, motivação para o estudo da língua alemã, entre outros. Seleccionamos 90 entrevistas e dividimos este número igualmente entre as três categorias abordadas, assim como procurou-se manter equilíbrio entre os locais de coleta de dados, sexo masculino e feminino e faixa etária. O tempo de duração da entrevista da Categoria 1, cujo instrumento pedia informações mais detalhadas, foi maior, em torno de 40 minutos. Nas outras duas categorias, em razão da necessidade de uma abordagem mais rápida, o instrumento foi sintetizado para ter a duração média de aplicação de 15 minutos. Os instrumentos de pesquisa aplicados sofreram ajustes para cada categoria de informantes, mas perguntas idênticas foram mantidas a fim de possibilitar a correlação direta das respostas.

Os dados obtidos foram organizados e projetados por frequência de ocorrência para, em seguida, sofrerem análise quantitativa e qualitativa.

3. Apresentação dos resultados

Com a finalidade de facilitar a visualização dos dados obtidos através da aplicação dos três formulários aplicados, primeiramente apresentaremos os resultados mais importantes de cada instrumento para, na análise dos resultados, cruzarmos as informações e tecermos nossos comentários. Quando mencionarmos alemão, falamos da variedade coloquial do alemão padrão, quando necessário especificaremos o uso do dialeto bávaro. Quanto tratamos do aprendizado formal da língua estrangeira em foco, mencionamos língua alemã ou alemão para tratar do alemão padrão.

No grupo de informantes da Categoria 1 procuramos manter uma divisão parcialmente equilibrada entre homens (56%) e mulheres (44%). A média de idade foi de 70 anos, o mais jovem com 60 e o mais idoso com 86 anos. A totalidade dos entrevistados apresentou escolaridade primária, sendo que poucos não completaram o ciclo (1.^a a 4.^a série).

Na auto-avaliação dos informantes sobre o seu domínio da língua alemã, obtivemos resultados interessantes para esta discussão. O maior percentual positivo foi para a habilidade de compreensão da língua, pois 76,6% afirmaram entendê-la bem. Na fala, entre falantes de *hochdeutsch* e *bairisch*, 43,3% afirmaram ser bom e a maioria, 56,7%, ser médio o seu domínio da língua. Não houve percentual positivo para o domínio pleno da leitura ou da escrita da língua alemã.

No âmbito religioso, todos informaram não haver missas em língua alemã, nas manifestações católicas, no seu bairro e 93,3% disseram preferir missas em português. No entanto, as opiniões se dividiram quando questionados se deveriam ocorrer missas em alemão (46,7% responderam afirmativamente) ou não (53,3% de respostas negativas) na comunidade. Quanto ao hábito de rezar, 60% costumam o fazer em português e 40% ainda em alemão.

Já no contexto familiar, informando sobre a língua em que se comunicavam com os pais, houve uma divisão entre dois dialetos do alemão mencionados, 56,6% para o uso de dialeto coloquial e 43,4% para o uso do bávaro, não ocorrendo nenhuma menção do português. Dados semelhantes surgiram na referência ao idioma falado com os avós. Na comunicação com os filhos, 53,4% dos entrevistados falavam português contra 43,3% que disseram falar, além do português, o dialeto coloquial do alemão.

Questionamos também se, no âmbito da vizinhança, haveria o costume de falar em alemão e apenas 16,7% afirmou que sim. Sobre o uso do alemão com amigos na mocidade e nos dias atuais, os números decrescem com o passar do tempo, ou seja, hoje 43,3% ainda conversam em alemão com os amigos, quando em tempos de juventude esse número representou 73,4%.

No aspecto lazer, consideramos interessante perguntar se ouviam música alemã com frequência e obtivemos 93,3% de respostas afirmativas, mas apenas 20% disseram ler em alemão, ressaltando que “lêem apenas frases ou pequenos textos com dificuldade”, encontrando seu material de leitura em contextos diversos, mas não em livros escritos na língua estrangeira.

Ao investigarmos o contexto escolar, nos informaram que, ao iniciarem seus estudos, apenas 30% falavam português e 70% falavam alemão: 63,3% a variedade local do alemão coloquial e 6,7% o dialeto bávaro. As aulas eram ministradas em português segundo a maioria (73,3%), assim como esta era língua utilizada para conversar com os professores (83,3%). Já no recreio e com os amigos o português (40% e 43,3% respectivamente) divide a preferência com o alemão (60% e 56,7% respectivamente). Relatos interessantes e chocantes sobre as formas de repressão às manifestações lingüísticas e culturais sofridas durante a Campanha de Nacionalização foram nesse momento muito comentadas.

Na referência ao uso atual da língua no comércio, sendo mencionados farmácia, correio e loja próxima à residência dos entrevistados, as respostas foram todas categóricas para o uso do português.

Finalmente, em perguntas sobre o uso geral da língua portuguesa e da alemã, o português foi considerado a língua mais prática (73,3%), a mais importante (63,3%) e a que os entrevistados se sentem mais à vontade para falar em casa (63,3%). No entanto, o alemão é a língua de preferência pessoal (56,7%) e é aquela que “soa” melhor (60%).

Questionados se o uso das duas variedades do alemão mencionadas estão em declínio na cidade, todos responderam que sim e consideraram que isso é negativo para a comunidade, sendo que 70% dos entrevistados justificaram sua resposta dizendo ser negativo porque tal situação não se estimula o interesse dos jovens em aprender a língua alemã, considerada “coisa de velho”. Entre os mais relevantes motivos do declínio mencionados, 63,4% afirmaram ter sido a Campanha de Nacionalização do governo Vargas, 20% consideraram que é porque não se manteve o ensino de alemão nas escolas e 10% acharam que é porque os pais não ensinaram o alemão para os filhos. O restante mencionou outros fatos como prejudiciais à continuidade do uso do idioma alemão em São Bento do Sul, como a questão de que muitas pessoas “de fora” vieram morar na cidade e se tornaria um desrespeito falar com elas em alemão e a interferência dos casamentos entre descendentes de alemães e pessoas de outras etnias, ocasionando um problema de comunicação que era resolvido pelo uso do português.

Na categoria 2 (abordagem aleatória), as mulheres representaram 60% dos respondentes. A faixa etária da maioria dos entrevistados (53,4%) estava entre 20 e 30 anos e, nas faixas de 31 a 45 e 46 a 55 anos, o percentual distribuiu-se igualmente, 23,3%. Questionados sobre o local de nascimento, 70% afirmaram ser São Bento do Sul e 73,4% dos entrevistados moram na cidade desde que nasceram (nunca moraram em outros locais). Aqueles com menor tempo de morada na cidade mencionaram 22 anos de permanência. Sobre a descendência, 63,4% dos informantes têm origem alemã.

Perguntamos se falavam alguma língua estrangeira e 56,6% responderam que sim. Entre as línguas citadas, 47,8% mencionaram o inglês, 30,5% o alemão e 21,7% o espanhol. No entanto, mesmo questionados sobre a língua estrangeira que “falavam”, mais uma vez perguntamos sobre o domínio do uso da língua, e a habilidade da compreensão foi a mais mencionada para o inglês (90,9%) e para o alemão (100%), enquanto que o domínio da fala representou 18,1% e 42,8% respectivamente. No alemão, o domínio de leitura e de escrita não foram mencionados.

Buscando saber o valor social dado à língua alemã pelos entrevistados em relação ao ensino de línguas estrangeiras nas escolas do município, formulamos uma pergunta sobre o tema. Além do inglês, que já faz parte do currículo escolar, as respostas mais significativas de outras línguas que deveriam ser oferecidas na escola foram o alemão (46,7%), seguido de perto pelo espanhol (40%).

Direcionamos as perguntas, então, para a preservação da cultura alemã na cidade. Sobre a preservação da língua alemã, 90% acharam que ela é necessária e importante, mas apenas 40% afirmaram que há valorização da língua alemã em São Bento do Sul. Ao justificarem a valorização, 23,3% afirmaram que ela acontece pela existência dos descendentes ainda falantes de alemão e 6,8% pelas empresas de origem alemã instaladas. A minoria (9,9%) mencionou como motivos de preservação a cultura (representada principalmente pela música), o folclore e as atividades dos idosos (grupos que dançam, cantam e fazem pratos típicos da cozinha alemã). Aqueles que responderam que a língua alemã não é valorizada apresentaram motivos diversos, como o fato de que os descendentes não têm interesse em aprender a língua, poucas escolas oferecem o ensino de alemão na rede pública e particular de ensino, há preconceito contra quem

fala alemão e que o alemão é uma língua pouco valorizada no mercado de trabalho local e até nacional.

Por último, perguntamos se o uso da língua alemã está diminuindo na cidade e 86,6% responderam que sim. A opinião de 80% dos informantes foi de que isso é ruim para a comunidade.

O instrumento de pesquisa na Categoria 3 (estudantes de língua alemã) teve as entrevistas divididas entre homens (43,3%) e mulheres (56,7%). A faixa etária mais focalizada foi entre 10 a 20 anos (43,3%), seguida da faixa de 21 a 35 (36,7%) e 36 a 45 anos (20%). Dos informantes, 60% nasceram em São Bento do Sul e 90% têm descendência alemã. Sobre as razões dos entrevistados estudarem língua alemã, foram citadas principalmente a tradição familiar, viagem (ditos juntos, somaram 43,3%) e mercado de trabalho (16,6%). Entre os demais motivos, foram mencionados ter amigos alemães; por gostar da língua; interesse particular sem motivos aparentes e por achar a língua promissora.

Questionamos onde o informante costuma praticar a língua alemã e 63,4% disseram ser na escola de idioma, 16,6% em casa e 10% responderam ser em casa e na escola de idioma. Dos 10% restantes, as respostas foram divididas entre: em casa, na escola de idiomas e no trabalho. Houve menção, inclusive, de quem não a pratica. Também formulamos uma pergunta sobre o ensino de línguas estrangeiras nas escolas da rede pública e particular do município e 66,7% responderam que a língua alemã deveria ser ofertada além do inglês, sendo que 13,3% sugeriram alemão e espanhol. As demais respostas citaram alemão e italiano, alemão e francês entre outras línguas.

A maioria dos entrevistados (96,6%) considerou que a preservação da língua alemã é importante e necessária no município e 66,7% responderam que sim, a língua é valorizada. As razões variaram, em ordem decrescente por número de menções, entre as manifestações folclóricas, festas, tradição familiar e fala. Entre as justificativas da não valorização foram citadas a falta de valor no mercado de trabalho, o preconceito, a falta de incentivo público e a falta geral de interesse da comunidade. A respeito da diminuição do uso da língua alemã em São Bento do Sul, 60% afirmaram que está diminuindo e 33,4% afirmaram não poder opinar pela falta de dados sobre o assunto. A idéia de que essa diminuição é ruim para a cidade foi manifestada por 80% dos entrevistados.

4. análise dos resultados

Quando estabelecemos as três dimensões de informantes a serem investigadas, nos preocupamos em contemplar públicos diferenciados, além disso, controlamos a faixa etária dos entrevistados para que tivéssemos amostragem de idosos, que entendemos mais conservadores em relação à língua alemã (Categoria 1), de adultos (30 a 45 anos), considerados profissionalmente e socialmente em plena fase produtiva e portanto com propriedade para revelar aspectos do *status* da língua alemã enquanto símbolo cultural da comunidade local (Categoria 2) e de jovens e crianças, envolvidos diretamente com o aprendizado de língua alemã e potenciais identificadores de atuais motivações para o aprendizado da língua (Categoria 3). Ao analisarmos os resultados alcançados, apesar das características diferenciadas entre os grupos de entrevistados, procuramos estabelecer entre eles relações comuns que pudessem, ainda que em impressão a ser melhor aprofundada, revelar o conceito que o cidadão são-bentense tem do uso da língua alemã neste início do século XXI.

Encontramos características bastante heterogêneas entre os sujeitos no que se refere a sua auto-denominação como bilíngües P/A. As categorizações *bilíngües P/A plenos* (BLOOMFIELD, 1933), *receptivos* (ROMAINE, 1995) e *incipientes* (DIEBOLD, 1964) foram

encontradas entre os informantes no uso do alemão, considerada língua minoritária, sendo a condição de *receptivo* a mais recorrente. Entretanto, as classificações se aplicaram unicamente às habilidades da fala e da compreensão, não havendo indivíduos considerados ativos na leitura e escrita da língua. Em relação à língua portuguesa, a condição de domínio *pleno* foi dominante, podendo-se defini-la categoricamente como língua majoritária.

Segundo dados dos informantes da Categoria 1, ao falar com os pais e avós o alemão era a língua preferencial, no entanto não ocorrendo o mesmo em relação à comunicação com os filhos. O fato de os progenitores terem vivenciado diretamente os efeitos da Campanha de Nacionalização poderia se constituir do motivo maior para não ensinarem/praticarem a língua aos/com os filhos já que havia se instaurado um conflito entre as línguas, e estes, por sua vez, também fizeram o mesmo com relação aos seus filhos.

De acordo com depoimentos obtidos, o domínio do alemão pelas crianças era considerado a razão das dificuldades no aprendizado da língua portuguesa e outras disciplinas na escola, portanto começou a ser abandonado. O fato dos pais não adotarem o alemão como língua materna de seus filhos foi mencionado, direta ou indiretamente, em respostas da Categoria 1, 2 e 3 quando solicitados motivos do declínio do uso da língua minoritária. Ao considerarmos um motivo diretamente ligado ao outro e somarmos as respostas dessa mesma pergunta - além do que já foi exposto acima - a Campanha de Nacionalização e o desinteresse dos descendentes em aprender alemão, obteremos a quase totalidade das respostas dadas.

Assim, a influência e as agressões sofridas pela comunidade a partir da proibição do ensino de alemão nas escolas em 1938 tornou-se nossa principal hipótese como causa para a fase acentuada de extinção em que a língua alemã se encontra em São Bento do Sul. A partir do momento em que o ensino de alemão e seu uso social foram proibidos, desencadeou-se um processo de perda lingüística que ocasionou, mesmo depois do término da campanha de nacionalização, a desmotivação das famílias em cultivar o alemão como língua materna de seus filhos (sempre lembrando do efeito natural de perda decorrente da vivência dos grupos em universo lingüístico dominado pela língua portuguesa). A razão pode parecer óbvia: não sendo mais o alemão língua de uso público e não existindo políticas públicas para sua valorização, para que ensiná-lo no seio da família? Acreditamos que o *status* de uma língua é legitimado pelo seu ensino formal e pelo domínio que os usuários têm da sua forma escrita, de caráter permanente e considerada de maior valor sociológico que a oralidade. Dessa forma, entende-se o ensino da língua na escola como essencial para o processo de legitimação. Não havendo o desenvolvimento da escrita e da leitura do alemão nas escolas, paralelamente ao ensino de português, a conseqüente perda dessas habilidades pelos descendentes bilingües através das gerações acabou por praticamente erradicá-las da comunidade de fala.

Em nossos dados, obtidos na zona urbana da cidade, a pouca utilização do alemão como língua de comunicação social fica evidenciada em vários contextos. A não ocorrência de missas periódicas em alemão na comunidade católica - crença religiosa de maior número de adeptos no município - e da preferência das celebrações em português excluem essa língua da preservação nesse âmbito religioso quando público, espaço que representaria um importante reduto cultural de resistência da língua. A vizinhança e o comércio, outros contextos de relevância, também não se apresentaram como locais em que o alemão seja praticado. No núcleo familiar, que consideraríamos o principal *locus* de uso dessa língua, também a opção pelo uso do português foi a mais favorecida. Então, consideramos que nos ambientes investigados, os aspectos relativos ao uso da língua alemã mostraram-se extremamente adversos à sobrevivência da língua minoritária.

No entanto, a existência de subgrupos detentores da competência sócio-comunicativa em língua alemã foi detectada quando, na Categoria 1, os informantes foram questionados sobre a

língua de preferência em contatos com interlocutores bilíngües P/A (específicos) e mais da metade disse preferir o alemão. Para os inespecíficos, a primeira opção mencionada foi o português. Isso mostra a manutenção da referência à língua alemã como motivo de identificação cultural entre os subgrupos.

Na Categoria 2, a auto-denominação como bilíngüe foi mais recorrente para o domínio do português e inglês, apesar das referências ao P/A, o que poderíamos inferir como resultado natural, haja vista a presença maciça do inglês nos currículos escolares. No entanto, observamos que não houve menção de domínio pleno da língua inglesa, havendo apenas, como no caso do alemão, bilíngües passivos.

A preocupação dos informantes das Categorias 2 e 3 em relação à manutenção da língua de seus antepassados foi perceptível concretamente ao sugerirem primeiramente que o alemão - mais do que o espanhol, uma língua de maior aceitação pelo seu uso nos países vizinhos e semelhança como o português - fosse a língua incluída no ensino formal junto ao inglês. No caso da Categoria 3, além da sugestão da inclusão do alemão, a relevância da oferta de diferentes línguas estrangeiras foi destacada. Dessa forma, a importância do ensino formal da língua alemã, hoje minoritária na comunidade de fala, é percebida nos contextos das entrevistas feitas, ou seja, a necessidade de criação de políticas públicas que tratem do assunto extrapola o discurso da academia para ganhar expressão nas pessoas “comuns”.

Percebemos claramente a valorização positiva da língua alemã por todos os entrevistados, como também a consciência por parte deles de que essa língua está em processo acelerado de desaparecimento na comunidade, situação considerada negativa. Para aqueles que foram em busca do aprendizado formal da língua (Categoria 3), a tradição familiar e a perspectiva de viagem à Alemanha se apresentaram como as motivações maiores, isto é, nas famílias em que houve a manutenção da língua ou sua valorização, gerou-se a vontade do aprendizado. A partir disso deduzimos que a valorização dos aspectos culturais da descendência, o registro e divulgação da história da colonização do município, a identificação da pujança local com o legado deixado pelos alemães na cidade somado ao valoroso trabalho dos brasileiros e a continuidade do contato entre indivíduos desta cidade catarinense e do país europeu em questão seriam ações simultâneas ao ensino da língua necessárias à sua, se planejada, revitalização.

As informações aqui apresentadas nos mostram que o alemão “de São Bento” resiste, ocupando espaço especial na escala de valores dos informantes, o que pôde ser observado, entre outros fatores, na sua consideração como a língua de preferência pessoal para os entrevistados da Categoria 1, importante e necessária para as Categorias 2 e 3. Entretanto, no que se refere ao conceito da língua alemã para os entrevistados, fica evidente o conflito entre o ideal lingüístico desejado e a situação real de língua minoritária hoje encontrada na cidade.

5. Considerações finais

A situação encontrada na amostra analisada compõe um quadro de acelerada perda lingüística da língua minoritária, mas a presença da língua alemã em São Bento do Sul ainda é uma realidade.

A representatividade insignificante do domínio da escrita e leitura da língua alemã encontrada entre os informantes não foi unicamente efeito natural da penetração do português nos domínios funcionais outrora reservados ao uso do alemão, principalmente a partir do momento em que o português se tornou idioma oficial e de educação no Brasil. Entre as diferentes causas dessa acentuada perda do domínio do alemão, a Campanha de Nacionalização configurou-se como motivo acelerador do processo quando proibiu o seu ensino e a circulação

de publicações nessa língua estrangeira: infligiu o processo de perda de identificação com a cultura alemã através da perda da língua, símbolo maior da cultura de um povo.

Acreditamos que o processo de extinção hoje detectado também teve a contribuição das iniciativas malogradas, isoladas ou de fraca repercussão social, de inserção do ensino de alemão como língua estrangeira nas escolas públicas após o término da repressão. Não tivemos na comunidade a construção de políticas públicas voltadas à manutenção da característica bilíngüe P/A dos são-bentenses que resistissem às mudanças de governo. Mesmo verificando na amostra investigada a existência da consciência da atual situação de perda da condição bilíngüe e a afirmação geral de que isso é um fator negativo, poucos têm motivação suficiente para aprender o idioma.

Entre os bilíngües P/A, a língua se apresentou como o mais forte elemento de identificação dos subgrupos com a origem alemã. No entanto, a faixa etária dos elementos desses subgrupos está entre 60 e 86 anos de idade e, para seus filhos e netos, a língua adquirida no ambiente doméstico foi o português. Disso decorre a impossibilidade da continuidade do vínculo lingüístico entre esses subgrupos nas gerações mais novas, enfraquecendo sua relação de identidade com a cultura alemã. Outros aspectos geradores dessa identificação com a cultura alemã como a participação em grupos folclóricos, corais ou festas típicas alemãs até podem ser cultivados, mas parecem ter sido diluídos pela intensa mistura de culturas ocorrida na comunidade. Infelizmente, a importância da manutenção da língua como principal foco de resistência ao esvaziamento das práticas culturais alemãs ainda tem sido ignorada.

Diante da identificação de pontos positivos e negativos relativos aos aspectos atuais de conservação da língua alemã no município de São Bento do Sul, defendemos a idéia de que o processo de perda, mesmo em estágio bastante avançado, pode ser em parte revertido. Atrelado à língua está o acesso a valores e conhecimentos de nossos antepassados e da atual Alemanha, mas, para que esse acesso ocorra, a língua minoritária precisa ser identificada como patrimônio histórico em seu real valor, que certamente precisa ser redescoberto. Ações oriundas de um projeto político-lingüístico de revitalização poderia, a longo prazo, gerar melhores condições do domínio das habilidades de uso da língua alemã, renovando ou construindo nas novas gerações uma identidade cultural fundamental para a compreensão de nossa história como brasileiros.

RESUMO: A cidade de São Bento do Sul foi colonizada no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1873, quando chegou ao local um grupo de imigrantes alemães, oriundos, principalmente, da região da Baviera. Trouxeram consigo um rico e diversificado patrimônio cultural, cujas especificidades ainda não esgotaram a necessidade de maiores estudos e descrição. Dessa forma, entendemos haver a necessidade da criação de um *corpus* que propiciasse estudos sistemáticos e pluridisciplinares sobre a situação bilíngüe português/alemão ainda ocorrente após mais de 100 anos da fundação da cidade. A abordagem realizada na pesquisa - com base na etnolingüística e na lingüística do contato lingüístico - preocupou-se em levantar dados que pudessem gerar um cenário sobre o uso e a perspectiva de conservação da língua alemã, representada pelo dialeto bávaro e pela variedade coloquial do alemão padrão usada na localidade. Os dados aqui apresentados são resultado de testes de atitude (*language attitude*) aplicados. O trabalho considerou setores como o religioso, o educacional e o cultural, verificando aspectos de sua influência no uso do código lingüístico. Também observaram-se fatores como idade, escolaridade e sexo dos informantes, todos moradores da zona urbana. Entre os principais resultados, destacamos que, apesar da presença da língua alemã em São Bento do Sul ainda ser uma realidade, a situação encontrada do uso dessa língua na amostra analisada compõe um quadro de expressiva perda lingüística, tanto na forma oral quanto, principalmente, na forma escrita. Apesar da consciência de

perda da condição bilíngüe na comunidade e dessa situação ser considerada um fator negativo pelos mais de 120 entrevistados, poucos têm motivação suficiente para aperfeiçoar ou continuar a utilizar o idioma alemão (o padrão ou suas variedades locais) em seu dia-a-dia.

PALAVRAS-CHAVE: línguas em contato; bilingüismo português/alemão; testes de atitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York, Hold, 1933.

BORSTEL, C. N. *Contatos lingüísticos e variação em dias comunidades bilíngües do Paraná*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. (Tese de Doutorado).

CLYNE, M. *Multilingualism*. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.

CUNHA, J. L. *Rio Grande do Sul und die deutsche Kolonisation*. Ein Beitrag zur Geschichte der deutsch-brasilianischen Auswanderung und der deutschen Siedlung in Südbrasilien zwischen 1824 und 1914. Santa Cruz do Sul, 1995.

DIEBOLD, A. R. Incipient bilingualism. In: *Language in culture and society*. New York: Harper & Row, 1964.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ERICKSON, F. *Research Currents: Learning and Collaboration in Teaching*. Language Arts., 1989.

FISHMAN, J. A Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, 1967.

FREITAS, I. A. A. de. *A máscara cai: Wolfgang Ammon no contexto da literatura teuto-brasileira*. São Paulo: Editora Arte e Cultura – UNIP, 1995.

FRANCO, C. V. G. Bilingüismo e leitura. *Jornal da alfabetizadora*. v. 6, n. 31, 1990.

GILES, H. (org.). *Accomodation theory: some new directions*. In: *York papers in linguistics*, v. 9, 1980.

GROSJEAN, F. P. *Life with two languages*. Mouton: Paris, 1982.

HEATH, S. Ethnography in education: defining the essentials. In: *Children in and out of school*. Washington: Gilmore & Glatthorn eds., 1982.

HYMES, D. H. On communicative competence. In: *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin, Pride & Holmes eds., 1972.

_____. *Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

_____. Ways of speaking. In: *Explorations in the ethnography of speaking*. New York: Bauman & Sherzer eds., 1974a.

KIPPER, M. H. A Campanha de Nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul (1937-1945). Santa Cruz do Sul: Ed. APESC, 1979.

MACKEY, M. F. *The description of bilingualism*. In: Reading in the sociology of language. Fishman, J. A. (ed.). The Hague: Mouton, 1968.

NAUMANN, B. Alemão e alemães em São Bento do Sul (Santa Catarina) – 1873 – 2003. Tradução: Andréa M. B. Tamanine e Erica Pfeifer. In: *Revista UNIVILLE*. Universidade da Região de Joinville. v. 9, ed. especial (2004). – Joinville, SC: UNIVILLE, 2004.

OGLIARI, Marlene Maria. *As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro*. 1999. 489 f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TORNQUIST, I. M. "Das hon ich von meiner Mama"- zu Sprache und ethnischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Sweden: Uméa, 1997.

WEINRICH, U. *Languages in contact*. Haia: Mouton, 1953.